



# Em tempo de seca quem se lixa é o mexilhão

Bivalve raro morre às centenas, em consequência da **seca** que atinge já 79% do território

CARLA TOMÁS

O mexilhão de rio (*Margaritifera margaritifera*) é uma das mais recentes vítimas da seca que assola o país. Ao monitorizar o troço de três pequenos rios que atravessam o Parque Natural de Montesinho em Trás-os-Montes, um grupo de investigadores da Universidade do Minho, UTAD e Politécnico de Bragança deparou-se com “mortalidade em grande escala” desta espécie classificada como criticamente ameaçada no Livro Vermelho da União Internacional para a Conservação da Natureza, e cuja raridade impediu, em 2010, a construção da barragem de Padroselos, no Tâmega.

“O que temos visto nos últimos 10-15 dias é terrível”, relata Ronaldo Sousa, professor na Universidade do Minho. “Devido à seca”, explica, “os caudais têm estado a diminuir e os exemplares desta espécie ficam na margem a morrer às centenas”. O cenário de mortandade foi encontrado nas margens dos rios Rabaçal, Tuela e Mente, troços de água normalmente límpida — “habitat ideal para esta espécie rara, que só coloniza ambientes sem poluição e com pouquíssima pressão humana e por isso com grande interesse de conservação” — mas que estão atualmente com caudais muito baixos. A situação torna-se ainda mais grave, reforça, “porque não se

prevê que chova nas próximas semanas e a espécie está em época de reprodução”.

Estes ecossistemas transmontanos não são os únicos afetados pela seca severa que afeta o país. No centro e sul do país há plantas endémicas que não estão a florir e árvores que estão a morrer de sede. “No Tejo Internacional há zonas onde a *Iris lusitânica* (planta endémica conhecida como lírio-amarelo-dos-montes) não chegou a florir devido à falta de água”, explica o ambientalista Samuel Infante, da Quercus.

## Albufeiras em baixa

E continua a não se prever grande chuva no horizonte. O Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) indica que até final de julho 69,8% do país estava em seca severa e 9,2% em extrema. Também as barragens continuam em baixa. Das 60 albufeiras monitorizadas, 18 têm disponibilidades de água inferiores a 40% do volume total, sendo as da bacia do Sado as mais afetadas — menos 23% da capacidade em média.

Para enfrentar o problema — já que começava a haver mais peixe que água, pondo em perigo a qualidade da mesma —, a Comissão de Gestão de Albufeiras decidiu retirar 150 toneladas de carpas das albufeiras da Vigia, Monte da Rocha, Pego do Alter e Divor. A operação arrancou esta semana.

“Mantendo-se a boa gestão



FOTO LUIS BARRA



Em cima, a Barragem do Pego do Altar (Alcácer do Sal). Em baixo, mexilhão de rio jaz na margem do rio Rabaçal. FOTO D.R.

dos regantes, conseguem-se manter reservas para abastecimento público para dois anos”, garante o secretário de Estado do Ambiente, Carlos Martins. Atualmente, “há 10 populações de oito concelhos alentejanos (cerca de duas mil pessoas) que têm de ser abastecidas com autotanques”, esclarece o governante, para quem não há dúvida “que este é um ano mau” em termos de seca, “e não sabemos o que nos traz o novo ano hidrológico”. Por isso, acrescenta, “temos de ser parcimoniosos no uso da água”.

Os furos para abastecimento público e agrícola, autorizados pela Agência Portuguesa do Ambiente, e as barragens construídas nos últimos anos (oito em Trás-os-Montes) são “o que nos está a valer”, diz Carlos Martins, para que o problema não

seja tão grave como foi a seca de 2005. “Se não houvesse a barragem de Odelouca, no Algarve, não havia capacidade para ter lá tantos turistas agora”, sublinha.

Enquanto se aguarda pelo fim do ano para fazer balanço aos prejuízos na agricultura, constata-se que a cultura de cereais e a pecuária extensiva são os mais prejudicados até agora pela seca.

A produção hidroelétrica das grandes barragens é outra das atividades fortemente afetadas: “Caiu 60% entre janeiro e julho de 2017 face ao mesmo período em 2016”, segundo cálculos de Francisco Ferreira, da associação ambientalista Zero, “o que conduziu a um aumento enorme do recurso às centrais térmicas (+80%)”, fazendo disparar as emissões de gases como o CO<sub>2</sub>, já agravada pelos incên-

dios. Esta realidade leva a Zero a afirmar que “2017 deverá ser o ano com maiores emissões de gases com efeito de estufa na presente década em Portugal”.

## Vêm aí ‘megassecas’

Com as alterações climáticas a acentuarem-se, os cientistas não têm dúvidas de que Portugal e Espanha vão sofrer ‘megassecas’ que podem durar mais de uma década até final do século XXI. Selma Guerreiro, investigadora portuguesa da Universidade britânica de Newcastle, esclarece ao Expresso que um estudo recentemente publicado no “International Journal of Climatology” projeta “uma intensificação das condições de seca nas bacias dos grandes rios de Portugal e Espanha até 2100”.

Estes modelos permitem simplificações matemáticas para analisar as alterações climáticas a longo prazo, que estimam que “a chuva pode ter uma redução de 6% por década até 2100 e as secas podem durar mais de 10 anos”, explica a investigadora. Selma Guerreiro também constatou que até 2050 os caudais médios das grandes bacias (Tejo, Douro e Guadiana) vão baixar e “os vizinhos espanhóis vão invocar anos de exceção e não vão libertar água”. Já o fazem, mas só em 2018 Lisboa e Madrid vão renegociar a convenção que gere os rios ibéricos.

ctomas@expresso.imprensa.pt

## NÚMEROS

18

das 60 albufeiras monitorizadas pela Agência Portuguesa do Ambiente estão a 40% do volume total

10

anos seguidos de seca podem suceder-se até 2100, em Portugal e Espanha, segundo estudo publicado no “International Journal of Climatology”

26%

abaixo do normal esteve a precipitação registada pelo IPMA entre 1 de outubro de 2016 e 31 de julho de 2017